

## Relação entre psicomotricidade e desenvolvimento infantil: um relato de experiência

**Kalícia Ingrid de Lacerda RABELO**<sup>1</sup>; kah.rabelo@yahoo.com.br; **Giselle Braga de AQUINO**<sup>2</sup>, gi07ba@yahoo.com.br

1. Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé (MG).
2. Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro (RJ); coordenadora do curso de Psicologia da Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé, MG; professora na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Leopoldina (MG).

**RESUMO:** O trabalho apresenta considerações sobre a psicomotricidade e sua relevância para o desenvolvimento infantil, a partir de pesquisa bibliográfica e relato de experiência realizada com crianças de séries iniciais do ensino fundamental de uma escola localizada em uma cidade da Zona da Mata mineira.

**Palavras-chave:** psicomotricidade, desenvolvimento infantil, Ensino Fundamental.

**ABSTRACT: The relationship between motor skills and child development: an experience report.** The work presents considerations on motor skills and its relevance to child development, from literature and report of an experience with children of first grades of basic education from a school located in a city of Zona da Mata de Minas Gerais.

**Keywords:** psychomotor, child development, basic education.

## Introdução

Nesses últimos anos, um dos aspectos mais significativos diante da concepção da educação infantil é o de reconhecer a criança como sujeito desde o seu nascimento. Como ser único, lhe é atribuída identidade própria e o direito de receber atenção adequada às suas necessidades básicas: biológicas, cognitivas, emocionais e sociais (SÁNCHEZ et al., 2003).

A base do trabalho na Educação Infantil consiste justamente na estimulação perceptiva e no desenvolvimento do esquema corporal da criança, pois essa organiza seu mundo a partir do seu próprio corpo. Através da ação, a criança vai descobrindo suas preferências e adquirindo a consciência do seu esquema corporal. Para isso, torna-se necessário que ela vivencie diversas situações durante o seu desenvolvimento, sendo a afetividade a base desse processo (SANTOS; CAVALARI, 2010). Os autores ainda ressaltam que o aspecto afetivo compreende a relação da criança com o adulto, com o ambiente físico e com as outras crianças.

O presente artigo surgiu do desenvolvimento de um projeto de extensão da Faminas/Muriaé, cujo título é “Trabalhando a questão da psicomotricidade com crianças”, realizado no ano de 2012, em uma escola pública de uma cidade do interior da Zona da Mata mineira. Inclui uma revisão bibliográfica e um relato de experiência acerca da relevância da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil.

### I – O conceito de psicomotricidade

O termo psicomotricidade surgiu no final do século XIX, a partir do discurso médico que afirmava a necessidade de se nomear as zonas do córtex cerebral situadas mais além das regiões motoras. No entanto, a história da psicomotricidade se faz presente desde que o homem é humano, ou seja, desde que o homem fala e se movimenta (SANTOS; CAVALARI, 2010).

Em 1925, o médico e psicólogo Henry Wallon ocupou-se de estudar o movimento humano, considerando-o como instrumento fundamental na construção do psiquismo (CASTRO et al., 2011). Wallon então relacionou o movimento à afetividade, à emoção, ao meio ambiente e aos hábitos do indivíduo.

Segundo Nicola (2004), a psicomotricidade se caracteriza como uma ciência nova, cujo objeto de estudo é o homem nas suas relações com

o corpo em movimento. E que a partir da intervenção psicomotora, esse homem busca modificar a sua atitude em relação ao seu corpo como um lugar de sensação, expressão e criação.

A Associação Brasileira de Psicomotricidade (1980) a conceitua como uma ciência que estuda o homem através do seu movimento nas suas diversas relações, tendo como objeto de estudo o corpo e a sua expressão dinâmica. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas e é sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto. Portanto, o termo “psicomotricidade” é empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito, cuja ação é resultante de sua individualidade, de sua linguagem e de sua socialização.

Para Alves (2007), a psicomotricidade é a integração psiquismo-motricidade, sendo a motricidade definida como o resultado da ação do sistema nervoso sobre a musculatura e o psiquismo como o conjunto de sensações, percepções, imagens, pensamentos e afeto. Portanto, a função psicomotora é a unidade onde se integram a incitação, a preparação, a organização temporal, a memória, a motivação, a atenção, entre outras (GONÇALVES, 2004).

De acordo com Fonseca (2008), existem sete fatores que trabalham de forma integrada para que haja a organização psicomotora global: a tonicidade, o equilíbrio, a lateralidade, a noção de corpo, a estruturação espaço-temporal, a praxia global e por último, a praxia fina. A tonicidade ocorre através das aquisições neuromusculares, do conforto tátil e da integração de padrões motores antigravídicos (muito presente do nascimento aos 12 meses). O equilíbrio se manifesta na aquisição da postura bípede, da segurança gravitacional e do desenvolvimento de padrões locomotores (dos 12 meses aos 2 anos). A lateralidade se dá a partir da integração sensorial, do investimento emocional, do desenvolvimento das percepções difusas e dos sistemas aferentes e eferentes (dos 2 aos 3 anos). A noção de corpo ocorre através da noção do Eu, da conscientização corporal, da percepção corporal e das condutas de imitação (dos 3 aos 4 anos). A estruturação espaço-temporal se manifesta por meio do desenvolvimento da atenção seletiva, do processamento de informações, da coordenação espaço-corpo e da aptidão da linguagem (dos 4 aos 5 anos). A praxia global ocorre através da coordenação óculo manual e óculo pedal, da planificação motora e da integração rítmica (dos 5 aos 6 anos). Já a praxia fina se dá através da concentração, da organização e da especialização hemisférica (dos 6 aos 7 anos).

Para Nicola (2004), conhecer seu esquema corporal é ter consciência do próprio corpo, das partes que o compõem, das suas possibilidades de movimentos, posturas e atitudes. Sendo assim, o esquema corporal constitui-se como elemento básico e indispensável para a formação da personalidade de qualquer criança e pode ser definido como “a organização das sensações relativas ao próprio corpo em relação com os dados do mundo exterior” (QUEIROZ; JORDANO, 2010, p. 14).

A Associação Brasileira de Psicomotricidade (1980) ressalta que, diante do somatório de forças que atuam no corpo – choros, medos, alegrias, tristezas, entre outras – a criança estrutura suas marcas, buscando qualificar seus afetos e elaborar suas ideias, ou seja, ela vai constituindo-se como pessoa. Para Fonseca (1998), atualmente a psicomotricidade possui crescente importância nos trabalhos que se relacionam com o desenvolvimento infantil, tanto na fase pré-escolar como depois dela, sendo concebida como uma integração superior da motricidade, produto de uma relação compreensível entre a criança e o meio.

Nesse sentido, a psicomotricidade se distingue como ciência onde se pode encontrar variados pontos de vistas e diferentes contribuições, sendo elas biológicas, psicológicas, psicanalíticas, sociológicas, entre outras (SANTOS; CAVALARI, 2010). Além disso, segundo os autores, a psicomotricidade serve como ferramenta para todas as áreas de estudos voltadas para a organização afetiva, motora, social e intelectual do indivíduo, já que acredita que o homem é um ser ativo, capaz de se conhecer cada vez mais e de se adaptar às diferentes situações e ambientes.

## **II – Inserção da psicomotricidade nas escolas**

A psicomotricidade tem nascido nos serviços de neuropsiquiatria infantil com o nome de reeducação psicomotora. Sua imagem inicial está ligada à patologia. Atualmente, uma corrente educativa tem se superposto à prática inicial (LE BOULCH, 1982, p. 20).

De acordo com Santos e Cavalari (2010), a psicomotricidade foi introduzida nas escolas como um recurso psicopedagógico, visando eliminar distúrbios e preencher lacunas no desenvolvimento de crianças excepcionais. Dentro dessa abordagem instrumentalista, os autores apontam que surgiram os exercícios conhecidos hoje, tais como coordenação visomotora, orientação e estruturação espacial, organização do esquema corporal, ritmo, lateralidade, entre outros.

Em um primeiro momento, como destaca Santos et al. (2007), a psicomotricidade estava limitada à pesquisa sobre o desenvolvimento motor das crianças. Em seguida, procurou investigar a relação entre o atraso no

desenvolvimento motor e o atraso intelectual, o desenvolvimento da habilidade manual e as aptidões motoras em função da idade. Mais tarde, preocupou-se também em pesquisar as ligações com a lateralidade, a estruturação espacial e a orientação temporal, bem como as dificuldades escolares de crianças.

De acordo com Santos e Cavalari (2010), crescia então a necessidade de se dar lugar ao corpo e ao movimento dentro das escolas e a ideia de se criar um espaço para expressão da criança. Neste espaço, a criança teria acesso a um encontro consigo mesma, através de suas atividades psicomotoras livres e espontâneas, de jogos criativos e de dramatizações. Além disso, ela seria capaz de confrontar-se com seus desejos fusionais e buscar sua própria identidade, posicionar-se frente às frustrações necessárias à humanização e, conseqüentemente, aceitar as faltas e os limites que demarcam os desejos e ter acesso à comunicação simbólica e à socialização.

Cabral (2001) ressalta ainda que a educação psicomotora, até então autoritária, passou a dar lugar à expressão da criança. Isso fez com que os profissionais repensassem sua prática e estabelecessem novas relações com a escola. Eles passaram a discutir, juntamente com equipe pedagógica, a respeito da contribuição da psicomotricidade para uma nova perspectiva de educação.

Essa nova prática consistiu em discutir sobre os aspectos do desenvolvimento da criança e observar sua conduta a partir das atividades realizadas. E fez com que a educação psicomotora adquirisse contornos preventivos quando se dirigia a crianças bem jovens, já que a partir das novas capacidades de se relacionar também seria possível escolher condutas frente à necessidade de ter que adiar ou substituir simbolicamente a expressão dos desejos, de ter que renunciar àqueles que sejam interditados, e assim, ter acesso à autonomia responsável (CABRAL, 2001).

A nova abordagem teórica-prática ampliou o aspecto preventivo da educação nas escolas regulares, segundo Santos e Cavalari (2010). Foi possível melhorar o trabalho realizado pelos professores e ampliar os seus conhecimentos sobre essa prevenção e diagnóstico que se faziam tão necessários.

Para Cabral (2001), a escola constrói conhecimento, e isso implica em uma atitude de liberdade para com a criança. Liberdade para pensar, para produzir, para ser criativo e para liberar a imaginação. Dessa forma, poder usar a imaginação na escola é questão ética e moral, já que ao brincar, ao fantasiar e ao criar, a criança expressa suas vivências, fala de seu mundo, de sua relação com os colegas e com o educador.

A verdade é que não existem meios de se transmitir receitas ao lidar com algo da ordem humana, da cultura e do acesso ao simbólico como muitas vezes se faz na educação. E na pressa em fazer da criança um adulto,

a escola acaba não dando tempo suficiente para que ela viva sua maturação afetiva (CABRAL, 2001).

### **III – Psicomotricidade e Educação Infantil**

A educação, segundo Oliveira (2004), é um processo que objetiva o crescimento do outro. Através dela, os indivíduos transferem experiências e conhecimentos para as crianças, fornecendo a elas sua sabedoria e depositando, nesse processo de troca, suas aspirações de um mundo melhor.

Tal processo de aprendizagem é uma dinâmica que permeia a vida do indivíduo e se faz presente em diferentes ambientes. No entanto, estar no ambiente escolar é fundamental para a criança, uma vez que o contato com o educador e com os colegas é de extrema importância para a formação de sua personalidade (OLIVEIRA, 2004).

Em relação ao ambiente escolar, Piaget (1990) ressalta que

os princípios que norteiam um ambiente estimulante e principalmente feliz para a criança estão inter-relacionados e são interdependentes: autoestima, motivação, aprendizagem e disciplina. No campo afetivo, é possível ajudar a criança a criar sentimentos positivos em relação a si mesma, pois se sentindo valiosa e segura, o êxito escolar estará garantido (PIAGET, 1990, p. 20).

Segundo Kramer (2000), a Educação Infantil é a fase da escolaridade que mais vem crescendo no Brasil. Isso ocorre pelo aumento da preocupação com a formação da criança, uma vez que o que é experienciado nessa fase é marcante para o seu desenvolvimento integral.

De acordo com a Lei das Diretrizes e Bases n. 9394/96, artigo 9, a Educação Infantil tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Para tanto, torna-se necessário compreender a criança como ser global, que se desenvolve a partir da interação de diferentes dimensões. Cabe assim à Educação Infantil cuidar da aprendizagem e favorecer a dinâmica evolutiva da criança através de uma prática que possibilite o desenvolvimento integral do seu ser.

As atividades na Educação Infantil podem ser entendidas como brincar de descobrir relações. Para Amorim (1994), essas relações

estruturam nosso modo de pensar e agir: pela linguagem e pela lógica; mas também, no tempo e no espaço,

descobrimo as possibilidades de nosso corpo. Tais relações supõe um campo social: é com o outro, que o generalizado conhecimento se constrói (p. 16).

A criança, segundo Cabral (2001), ao entrar na escola, perde o prazer dos cuidados de maternagem e do corpo-a-corpo direto com a mãe, porém começa a conquistar autonomia. Nesse momento, ela passa por inúmeras mudanças cognitivas. Seu até então conhecimento prático, sensório-motor, é substituído pelo pensamento representativo. Sua linguagem evolui, permitindo uma melhor estruturação de suas aquisições cognitivas e tornando-a capaz de falar de sua história, de expressar suas ideias e sentimentos. Além disso, suas novas possibilidades simbólicas a torna capaz de elaborar fantasias mais precoces e diferenciar-se diante dos outros.

Como ressalta Gonçalves (2004), na Educação Infantil, a criança busca experiências em seu próprio corpo, formando conceitos e organizando o esquema corporal. A abordagem da psicomotricidade permitirá então a compreensão da forma como a criança toma consciência do seu corpo e das possibilidades de se expressar por meio dele, localizando-se no tempo e no espaço.

De acordo com Gonçalves (2004), dentre tantas propostas para enriquecer a escola em seu processo de construir um novo sujeito para um novo mundo, a psicomotricidade contribui com o seu saber para melhorar e transformar o homem. Trata-se, portanto de uma educação pelo movimento. E o movimento humano, por sua vez, é construído em função de um objetivo.

A partir de uma intenção, o movimento transforma-se em comportamento significativo. Além disso, o movimento permite a criança explorar o mundo exterior. Sem o contato com o concreto a criança pode desenvolver um bloqueio e se isolar por toda a vida (GONÇALVES, 2004). Por isso, a construção do esquema corporal e a organização das sensações relativas ao próprio corpo têm papel fundamental no desenvolvimento da criança.

De acordo com Fonseca (1998), em cada idade, o movimento toma características bastante significativas, tanto como processo maturativo quanto como enriquecimento do indivíduo com o ambiente. Por isso, é necessário que toda criança passe por todas as etapas em seu desenvolvimento.

Para Castro et al. (2011), o trabalho da educação psicomotora, por meio de jogos e atividades lúdicas, além de ajudar na conscientização sobre o próprio corpo e no controle das expressões motoras, faz com que a criança adquira uma formação de base indispensável tanto para o seu desenvolvimento motor, quanto para o seu desenvolvimento afetivo e psicológico.

Sendo assim, Le Boulch (1982) ressalta que a educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola primária, uma vez que condiciona os aprendizados pré-escolares e escolares, leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, do espaço, do tempo e a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos. Ela deve ser praticada desde a mais tenra idade e conduzida com perseverança, pois assim, permite prevenir inaptações difíceis de serem corrigidas quando já instaladas.

A criança que apresenta o desenvolvimento psicomotor comprometido poderá apresentar problemas na escrita, na leitura, na direção gráfica, na distinção de letras, na ordenação de sílabas, no pensamento abstrato e lógico, na análise gramatical, entre outros (ROSSI, 2012). Nesse sentido, um trabalho psicomotor bem estruturado dentro das escolas, que possa embasar esse desenvolvimento, é fundamental.

No entanto, mesmo com o trabalho realizado pela escola, o desenvolvimento psicomotor deverá ser considerado a partir de todo o contexto social no qual a criança está inserida. Isso inclui as interferências de aspectos psicossociais que serão abordadas adiante.

#### **IV – A psicomotricidade e os aspectos psicossociais**

Sabe-se que, desde o nascimento, a criança conta com potencialidades para se desenvolver que dependerão da maturação dos processos orgânicos e da integração com outras pessoas. A qualidade dessa relação influencia na orientação do temperamento e da personalidade, pois é através dela que o ser se descobre, e a sua personalidade é construída. Segundo Le Boulch (1982, p. 27), “o ser humano só pode ser compreendido através do vínculo que o une ao seu meio inter-humano”.

Andrade et al. (2005) vem dizer que os principais vínculos, bem como os cuidados e estímulos necessários ao crescimento e ao desenvolvimento, são fornecidos pela família e que a qualidade do cuidado de uma criança, nos aspectos físico e afetivo-social, depende muito de condições estáveis de vida, tanto psicológicas quanto socioeconômicas. No ambiente familiar, a criança tanto pode receber proteção quanto conviver com riscos para o seu desenvolvimento. Tais riscos podem resultar em prejuízos para a capacidade da criança de solucionar problemas, de adquirir habilidades sociais, de aprimorar linguagem e memória e de concluir o seu desenvolvimento motor (ANDRADE et al., 2005).

A interação com os membros familiares é um elemento fundamental para a estimulação psicomotora da criança, já que contribui para o desenvolvimento da percepção e do controle de comportamento, bem



como para a aquisição de conhecimentos e habilidades, estabelecendo relações e construindo seu próprio ambiente físico e social. Sendo assim, além de ser responsável por grande parte do desenvolvimento infantil, a família desempenha o papel de mediadora entre a criança e a sociedade, possibilitando a sua socialização (ANDRADE et al., 2005).

Estudos desenvolvidos por Neto et al. (2007) revelam que, além de desencadear um déficit no desenvolvimento motor, determinados fatores psicossociais, provenientes do meio familiar, podem fazer com que a criança apresente problemas de conduta, carência social e afetiva, dificuldade nos relacionamentos e problemas na aprendizagem. Sendo assim, um distúrbio psicomotor pode causar problemas na totalidade do indivíduo, afetando o seu processo de integração na sociedade.

Para Santos et al. (2007), não é necessária a presença de uma lesão orgânica para que se instale um distúrbio de psicomotricidade, pois ele pode se originar, além de disfunções cerebrais e físicas, de um problema emocional. Os sintomas mais característicos, além de problemas motores, são comprometimentos na área do esquema corporal, do comportamento, do ritmo, da atenção, da orientação espacial e temporal, da lateralidade e da maturação (SANTOS et al., 2007).

Le Boulch (1982) afirma que a educação psicomotora deve ser proveniente tanto do meio familiar quanto do meio escolar. E que além de ensinar comportamentos motores, sua finalidade é permitir que a criança exerça a sua função de ajustamento, individualmente ou com outras crianças.

## **V – Relato de experiência**

Nesse tópico será relatada a experiência vivenciada durante a realização do projeto de extensão “Trabalhando a questão da psicomotricidade com crianças”, vinculado à FAMINAS/Muriaé, desenvolvido com crianças de séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública de uma cidade da Zona da Mata mineira.

O objetivo foi desenvolver atividades que trabalhassem a coordenação motora, a noção corporal, a socialização e a questão de valores, facilitando assim o processo de aprendizagem e contribuindo para a formação da identidade, através da autonomia intelectual e afetiva das crianças, fatores que foram percebidos inicialmente como deficientes. Importante ressaltar que o contexto no qual essa escola da rede pública encontra-se inserida é marcado por diferenças socioeconômicas, e a instituição, em grande parte, atende a comunidade mais vulnerável da cidade.

O projeto aconteceu de agosto a novembro de 2012 e contou com a participação de 18 crianças, entre 6 e 7 anos de idade, inseridas em séries

iniciais do Ensino Fundamental. O espaço utilizado para o desenvolvimento dos encontros consistiu na própria sala de aula das crianças e por isso foi preciso contar com o apoio da professora responsável pela turma, bem como com a autorização da diretora da instituição.

A fim de alcançar os objetivos propostos neste projeto, foram realizadas atividades lúdicas tais como brincadeiras, desenhos, pinturas, músicas, recorte, colagem e contação de histórias. Assim como afirma Dallabona e Mendes (2008), a partir de atividades lúdicas, a criança comunica-se consigo mesma e com o mundo, estabelece relações e constrói conhecimentos, desenvolvendo-se de maneira geral.

No primeiro contato com as crianças, o intuito foi apresentar a proposta do projeto e conhecê-las melhor. Para isso foi realizada uma dinâmica na qual a primeira criança a se apresentar teria que dizer o seu nome, a sua idade e fazer um gesto com o corpo para que a turma o imitasse – a proposta foi conhecer os nomes de cada criança e estimular a expressão a partir de movimentos corporais.

Em seguida, as crianças preencheram uma folha com dados pessoais. Nessa atividade também foi trabalhada a noção de corpo, que segundo Fonseca (2008) ocorre através da noção do Eu, da conscientização corporal, da percepção corporal e das condutas de imitação. Assim, as crianças tiveram que completar um rosto em branco de acordo com suas próprias características e, para auxiliá-las nessa atividade, foi colocado um espelho no canto da sala para que pudessem se olhar e em seguida reproduzir suas características na folha.

A partir do segundo encontro, foram realizados diferentes tipos de oficinas lúdicas. Nas oficinas de desenho e pintura, por exemplo, foi trabalhada tanto a questão da coordenação motora fina como também a noção de corpo. As mesmas pintaram diversos desenhos e também confeccionaram um desenho coletivo a partir do contorno do corpo da criança mais alta da turma. Em seguida, desenharam os órgãos do corpo e os acessórios que faltavam no desenho, uma vez que conhecer seu esquema corporal é ter consciência do próprio corpo, das partes que o compõem, das suas possibilidades de movimentos, posturas e atitudes (NICOLA, 2004).

Para as oficinas cuja proposta era a execução de brincadeiras foram selecionadas algumas que geralmente já são do conhecimento de crianças em fase escolar tais como: “Quem é o mestre?”, “Estátua” e “Coelhinho sai da toca”. Também foram realizados exercícios fonoarticulatórios, para que as mesmas movimentassem os músculos do rosto. Para tanto, foi pedido às crianças que fizessem caretas que expressassem diferentes tipos de emoção, tais como tristeza, alegria, raiva, e susto; jogassem beijos; e fizessem bolhas de sabão, com um lança bolhas.

Em todas essas atividades, o objetivo foi explorar os movimentos corporais, despertar as percepções auditivas e visuais, e trabalhar memória e atenção. Além disso, segundo Vigotski (2007), a brincadeira é um meio pelo qual a criança supre algumas de suas necessidades, sendo também um meio de aprendizado, de desenvolvimento da imaginação, da compreensão da realidade e do domínio de regras.

Ao brincar, a criança está comportando-se de acordo com os papéis dispostos na sociedade, no entanto, não é só uma reprodução de comportamento. A criança ao brincar é ativa e atribui significado para si e para aquilo que está na cultura, sendo então capaz de concretizar as regras já estabelecidas e também de criar novas, de acordo com a brincadeira proposta (VIGOTSKI, 2007).

Nas oficinas de música, foi trabalhada a questão do ritmo. Para tanto, foram confeccionados instrumentos musicais: sanfonas feitas de caixinha de leite e chocalhos feitos de garrafa pet. Em seguida, elas cantaram e dançaram ao ritmo de diferentes estilos musicais, utilizando os instrumentos confeccionados. Além do ritmo, foi explorada a questão da imaginação, uma vez que elas deveriam imaginar que a música tocada estava saindo de seus instrumentos. Para Vigotski (2007), a situação imaginária permite a simbolização, ou seja, a capacidade da criança em interagir com um objeto, dando-lhe um significado de outro objeto. Esta situação imaginária é a base para o desenvolvimento do pensamento abstrato no adulto.

Nas oficinas de recorte e colagem, a proposta foi trabalhar a coordenação motora e o movimento de pinça, que segundo Fonseca (2008) começam a ser desenvolvidos dos 5 aos 7 anos de idade, a partir da praxia global, que consiste na coordenação óculo manual e óculo pedal, na planificação motora e na integração rítmica, e a partir da praxia fina, que consiste na capacidade de concentração, de organização e de especialização hemisférica da criança. Para isso, as crianças preencheram as cinco vogais com barbante, feijão, macarrão, lentilha e papel colorido, e recortaram ao redor de desenhos anteriormente pintados por elas.

Nas oficinas dos sentidos, o objetivo foi fazer com que as crianças explorassem os cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato, uma vez que as percepções e sensações corporais são quesitos fundamentais para a constituição do psiquismo humano (ALVES, 2007). Elas tiveram então que visualizar e apalpar objetos, cheirar e provar alimentos e ouvir diversos ruídos, com o intuito de identificá-los.

Por último, durante as oficinas de contação de histórias, foi possível trabalhar a questão dos valores e da socialização. Ao final de cada história foi realizada uma conversa com as crianças sobre os principais valores dos quais as histórias se referiam. Foi um momento de escuta muito interessante, no

qual as crianças puderam expressar suas vivências, falar de seu mundo, da relação com os colegas, com a professora e principalmente com a família, tendo em vista que a interação com os membros familiares é um elemento fundamental para a estimulação psicomotora, uma vez que contribui para o desenvolvimento da percepção, do controle de comportamento, da aquisição de conhecimentos e habilidades (ANDRADE et al., 2005).

De maneira geral, observou-se que parte significativa das crianças apresentou certa dificuldade em realizar as atividades propostas, principalmente aquelas que envolviam noção de corpo, coordenação motora e percepção dos próprios sentidos. No entanto, isso não pode ser considerado algo comprometedor ao desenvolvimento das mesmas, uma vez que todas elas encontram-se dentro da faixa etária de desenvolvimento de tais habilidades psicomotoras.

Torna-se necessário que essas crianças sejam cada vez mais estimuladas, a fim de encontrarem um espaço para a sua expressão, fator percebido inicialmente como deficitário. Santos e Cavalari (2010) ressaltam que, interagindo e articulando durante as atividades psicomotoras lúdicas e em grupo, a criança alcança transformações que resultam em uma maior flexibilidade em sua relação consigo mesma, com os amigos, os familiares e com os diversos grupos com os quais ela se relaciona.

Quanto às oficinas de contação de histórias, foi possível explorar um pouco mais a respeito do contexto familiar no qual essas crianças estão inseridas, entendendo assim a relação entre a psicomotricidade e os aspectos psicossociais. Andrade et al. (2005) resalta que, além de ser responsável por grande parte do desenvolvimento infantil, a família desempenha papel fundamental na socialização da criança.

Mediante tantas contribuições das atividades psicomotoras apresentadas ao longo desse relato de experiência, percebe-se a relevância da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil, bem como a necessidade de se realizar propostas como a do projeto, uma vez que a abordagem psicomotora permite a compreensão da maneira pela qual a criança toma consciência do seu corpo e das possibilidades de se expressar por meio dele, fatores indispensáveis para o seu desenvolvimento motor, afetivo e psicológico (CASTRO et al., 2011). A partir da psicomotricidade, a criança se desenvolve integralmente, aprimorando sua linguagem, sua imaginação e sua criatividade, constituindo-se então como sujeito, fator primordial na concepção de Educação Infantil que se tem hoje (SÁNCHEZ et al., 2003).

## **VI – Considerações finais**

Através da revisão bibliográfica realizada ao longo do artigo acerca da psicomotricidade e sua relevância para o desenvolvimento infantil,

pôde-se perceber que apesar de ser caracterizada com uma ciência nova, a psicomotricidade se faz presente desde que o homem é humano, ou seja, desde que o homem fala e se movimenta. Além disso, observou-se que os conhecimentos sobre essa área têm sido cada vez mais ampliados, fazendo com que se possa dar mais importância aos trabalhos realizados pela criança nos períodos pré-escolar e escolar, contribuindo de forma efetiva para a sua aprendizagem e o para seu desenvolvimento como um todo.

Percebeu-se também que a princípio a psicomotricidade foi introduzida nas escolas como um recurso psicopedagógico, visando eliminar distúrbios e preencher lacunas no desenvolvimento de crianças excepcionais. Mas que no decorrer do tempo, com o aumento da necessidade de se dar lugar ao corpo e ao movimento dentro das escolas, a educação psicomotora passou a ser vista como uma possibilidade de prevenção, melhorando o trabalho realizado pelos professores e profissionais da saúde, e ampliando o espaço para criança pudesse se expressar.

Sendo assim, a Educação Infantil tornou-se um espaço que proporciona à criança buscar experiências em seu próprio corpo, formando conceitos e organizando o seu esquema corporal, fundamental para a formação da sua personalidade. E nesse sentido, a abordagem da psicomotricidade se faz necessária nesse âmbito.

No entanto, para que haja o desenvolvimento integral da criança, além do trabalho de profissionais capacitados nos espaços escolares, é necessário que haja uma relação favorável entre criança e seu meio. Observou então que o desenvolvimento psicomotor não dependerá somente do trabalho realizado pela escola, mas também das relações estabelecidas entre a criança, o seu meio familiar e seu contexto de forma geral, compreendendo assim a relação entre psicomotricidade e aspectos psicossociais.

Em relação ao relato de experiência apresentado, viu-se que parte das crianças participantes apresentou certa dificuldade em executar as atividades propostas ao longo do projeto, podendo ser resultado de uma educação psicomotora deficitária durante a fase da Educação Infantil ou mesmo devido a fatores psicossociais que se mostraram presentes, principalmente nas oficinas de contação de histórias, nas quais pôde-se explorar um pouco mais o contexto familiar no qual as mesmas encontram-se inseridas. No entanto, isso não pode ser considerado algo comprometedor ao desenvolvimento das mesmas, uma vez que todas elas encontram-se dentro da faixa etária de desenvolvimento das habilidades psicomotoras de forma geral.

Diante disso, observou-se o quão relevante se faz a psicomotricidade e suas diversas possibilidades de intervenção para o desenvolvimento motor, afetivo e psicológico da criança. Nesse sentido o desenvolvimento infantil dependerá de uma educação psicomotora de qualidade, que considere

não só os desejos e necessidades das crianças, como também o contexto no qual se encontram. Para que então as mesmas se desenvolvam de forma integral, de maneira que, quando adultas, tornem-se críticas, conscientes e responsáveis por suas escolhas.

## Referências

ABP. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. **A psicomotricidade**. 1980. Disponível em: <<http://www.psicomotricidade.com.br>>. Acesso em: 13. out. 2012.

ALVES, F. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

AMORIM, M. **Atirei o pau no gato: a pré-escola em serviço**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANDRADE, S. A. et al. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 606-611, 2005. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v39n4/25533.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2012.

BRASIL. **Diretrizes e bases da educação nacional**. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 14 out. 2012.

CABRAL, S. V. **Psicomotricidade relacional: prática clínica e escolar**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

CASTRO, C. B. et al. **Psicomotricidade na educação infantil**. 2011. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade Estadual de Goiás, Caldas Novas, 2011. Disponível em: <[https://www.adms.ueg.br/cms\\_upload/arquivos/caldas\\_novas/conteudoN/553/CRISTIANEBORGESDECASTRO.pdf](https://www.adms.ueg.br/cms_upload/arquivos/caldas_novas/conteudoN/553/CRISTIANEBORGESDECASTRO.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2012.

DALABONA, S. R; MENDES, S. M. S. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. **Instituto Catarinense de Pós-graduação**. v. 4, n.16, 2008. Disponível em: <[www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev04-16.pdf](http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev04-16.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2012.

FONSECA, V. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

\_\_\_\_\_. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

GONÇALVES, A. A. **Psicomotricidade na educação infantil**: a influência do desenvolvimento psicomotor na Educação Infantil. 2004. 39 f. Monografia (Especialização em Psicomotricidade). Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/7/ALESSANDRA%20DE%20ARAUJO%20GONCALVES.pdf>>. Acesso: 8 out. 2012.

KRAMER, S. et al. **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa curricular para a educação infantil. 14. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor**: do nascimento aos 6 anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

NETO, F. R. et al. Desenvolvimento motor de crianças com indicadores de dificuldades na aprendizagem escolar. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 45-51, 2007.

NICOLA, M. **Psicomotricidade**: manual básico. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

OLIVEIRA, M. S. C. **A psicomotricidade na educação pré-escolar**. 2004. 49 f. Monografia (Especialização em Psicomotricidade). Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/7/MARCIA%20SOUZA%20CHAVES%20DE%20OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2012.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

QUEIROZ, T. D; JORDANO, I. **Atividades práticas de dinâmicas de grupo e sensibilizações**: educação infantil e ensino fundamental. São Paulo: Rideel, 2010.

ROSSI, F. S. Considerações sobre a psicomotricidade na educação infantil. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**, UFVJM, v. 1, n. 1, 2012.

SÁNCHEZ, P. A. et al. **A psicomotricidade na educação infantil**: uma prática preventiva e educativa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SANTOS, C. S. et al. **A criança e seu desenvolvimento psicomotor**. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2007/artigos/pedagogia/196.pdf>> Acesso em: 20 out. 2012.

SANTOS, E. L. S; CAVALARI, N. Psicomotricidade e educação infantil. **Caderno Multidisciplinar de Pós-Graduação da UCP**, Pitanga, v. 1, n. 3, p. 149-163, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.